

País tenta acalmar os credores

A decisão do presidente do Banco Central, Francisco Gros, de retornar a Nova Iorque para o seu primeiro contato com o comitê de assessoramento dos bancos credores, na próxima quarta-feira, faz parte da estratégia do Governo brasileiro de reiterar que a moratória parcial da dívida externa não significa o rompimento unilateral das Negociações. Mas o Banco Central não aceita o próximo dia 31, quando termina a vigência do acordo da fase 3 de renegociação da dívida brasileira, de setembro último, como prazo fatal para o encaminhamento formal da nova etapa de negociações com os credores externos.

A ida de Gros a Nova Iorque para retomar as negociações com os bancos credores pegou de surpresa a diretoria do Banco Central e os próprios banqueiros internacionais, além de provocar o adiamento da reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN), marcada para a próxima quinta-feira para definir os índices de reajustes das prestações da casa própria.

Gros decidiu ir a Nova Iorque para dar explicações adicionais aos bancos credores e também acalmar os administradores das agências dos 17 bancos brasileiros instalados naquela praça. O presidente do Banco Central quer esclarecer que, apesar da moratória decretada no último dia 20, o Brasil não vai se esconder dos credores e pretende negociar uma solução duradoura para o seu endividamento.

O Banco Central também desenvolve o trabalho de tranquilizar os administradores dos bancos brasileiros no exterior. Após 15 dias de tensão, o Banco Central assegura que os bancos brasileiros, não precisam temer crise de liquidez por eventual aceleração dos saques de depósitos interbancários em razão da centralização das obrigações no BC.

Embora a moratória tenha trazido constrangimento aos gerentes das agências de bancos brasileiros no exterior, o Banco Central entende que, superados os dias críticos que se seguiram à centraliza-

ção dos saques das linhas de curto prazo, o fantasma da declaração da insolvência brasileira pelos bancos credores deixou de existir.

Se os bancos credores não reagiram com medidas de força até agora, não há razões para tanta excitação, de acordo com a avaliação colhida no Banco Central. Por isso, no próximo dia 31, quando acaba o comprometimento dos bancos credores com a manutenção de US\$ 10 bilhões de créditos comerciais e de US\$ 5 bilhões de depósitos interbancários, o BC simplesmente manterá a suspensão dos saques nestas linhas de curto prazo.

Causou irritação no Banco Central a informação vazada do Palácio do Planalto de que, desde a decretação da moratória parcial, no último dia 20, o Brasil já perdeu US\$ 550 milhões de reservas cambiais. Para o BC, após a decisão política da moratória, o Brasil precisa, mais do que nunca, controlar os dados que podem servir de instrumento de barganha com os credores.